

AGAMBEN, Giorgio. **Bartleby, escrita da potência**. Lisboa: Editora Assírio & Alvim, 2007.

## O CORAÇÃO DAS PIRÂMIDES ETERNAS COMO INFERNO BARROCO DA POTÊNCIA

*“Aquilo que se mostra no limiar entre ser e não ser, entre sensível e inteligível, entre palavra e coisa, não é o abismo incolor do nada, mas o raio luminoso do possível.”*  
(Agamben, 2007, p. 30)

*“Mas uma relva aprisionada brotava macia sob meus pés. Era como no centro das pirâmides eternas do Egito onde, por estranha magia, brotavam nas fendas as sementes deixadas por passarinhos.”* (Melville, 2005, p.35)

*“Em tempo escuro  
a palavra  
(a) clara”.* (José Paulo Paes)

Com um método de investigação que se aproxima da arqueologia como proposta por Foucault, Agamben, ao estabelecer paradigmas que orientem seu pensamento, busca compreender seu objeto de estudo a partir da percepção de sua origem. Não entendemos aqui origem apenas como ponto de partida, mas como possibilidade de encontrar algo que permita, por seu caráter exemplar, compreender o passado do objeto e o presente do pesquisador. A investigação de Agamben sobre a personagem do escrivão Bartleby, de Herman Melville, recorre à etimologia, filologia, teologia e ao conhecimento apurado de literatura e filosofia na construção de uma dialética que permita construir sentidos e inteligibilidade para a obra.

Em seu processo de escrita, Agamben, freqüentemente recorre ao uso de imagens não só para ilustrar seu pensamento, mas para materializá-lo.

No ensaio **O que é o contemporâneo?**, encontramos uma criatura que, para ser verdadeiramente contemporânea, deve se comportar como um ser cuja coluna vertebral está fraturada. Justamente por essa condição, seria possível realizar o movimento impossível de contemplar os olhos do passado estando firmemente posicionado no presente. Em outros termos, o homem contemporâneo de Agamben deve olhar para a escuridão do presente e ser capaz de perceber a “resoluta luz”. Em **A idéia da Prosa**, Agamben apresenta-nos ao axolotl, estranha salamandra albina que se nega a seguir o fluxo natural da evolução mantendo-se sempre em estado larval, imagem exemplar do conceito de infância que propõe. Em **Bartleby, escrita da potência**

(2007), Agamben utiliza três imagens distintas que, no decorrer do texto, dialogam e constroem uma leitura do texto de Melville.

A primeira dessas imagens é a da “tabuinha de escrever” de Aristóteles que transforma a criação do mundo em processo de escrita. Num segundo momento, o autor busca em Escoto Eriúgena (810-877), leitor de Aristóteles, a imagem do abismo como possibilidade infinita de criação. Finalmente, próximo ao término do texto, Agamben retira de Leibniz a imagem da Pirâmide dos Destinos, lugar onde estão inscritos, além do mundo atual (real), todos os mundos possíveis. Nos três casos, a reflexão que o autor propõe é sobre uma mesma questão: a potência. Termo compreendido sempre na sua forma de poder ser ou fazer algo e, simultaneamente, não sê-lo ou fazê-lo.

O autor inicia sua leitura de *Bartleby* sugerindo a pertença desta personagem a dois grupos distintos que chama de constelações. A primeira é uma constelação literária na qual habitam personagens que existem pela e para a escrita: são copistas, escritvães, leitores... Agamben nomeia como estrelas dessa constelação Akaki Akakievitch de Gogol, Bouvard e Pécuchet de Flaubert, Simon Tanner de Robert Walser, Michkin de Dostoievski, além dos chanceleres dos tribunais kafkianos.

A outra constelação, a “filosófica”, projeta Pensamento e Criação como atos de escrita. Partindo de Aristóteles, Agamben inicia um percurso - longo e de muitas ramificações possíveis - no qual uma plêiade de filósofos e teóricos medievais refletem acerca das proposições de Aristóteles sobre o conceito de potência. Para o pensador grego toda a potência de ser ou de fazer qualquer coisa é sempre uma potência de não ser ou de não fazer, sem a qual a potência já passaria sempre ao ato e se confundiria com ele. Para Agamben, esta “potência de não” é “o segredo cardeal da doutrina aristotélica sobre a potência, que faz de toda a potência, por si mesma, uma impotência” (AGAMBEN, 2007, p. 13). Surge assim a imagem da “tabuinha de escrever” encerrada na qual ainda não há nada escrito, mas que justamente por isso, carrega em si a possibilidade de ter qualquer coisa grafada sobre sua superfície. A tabuinha é, como propõe Aristóteles, o intelecto em potência.

Citando os escritos do profeta Maomé e diversos filósofos do Islã que se dedicaram ao estudo de Aristóteles durante a Idade Média, Agamben apresenta a concepção de Abraham Abulafia (1240-1296) de criação divina como ato de escrita. Mais uma vez a pena e a tinta ou a tabuinha funcionam como símbolos da potência.

Ibn Arabi (1165-1240) com sua “Ciência das Letras” que “trata dos graus hierárquicos das vogais e das consoantes e das suas correspondências nos nomes divinos”, marca “no processo do conhecimento a passagem do inexprimível ao exprimível e, no processo da criação, a passagem da

potência ao ato”. Para o autor, a passagem da potência ao ato da criação é representada graficamente como o *ductus* que entrelaça num só gesto as três letras: *alif* → descida do ser em potência para o atributo; *lãm* → extensão do atributo para o ato e *mim* → descida do ato à manifestação.

Avicena (980-1037), por sua vez, pondera a criação do mundo como um ato de inteligência divina que pensa a si mesma. A partir da imagem da “tábua de escrever” sem nada escrito como intelecto ou potência de Aristóteles, Avicena serve-se da imagem da escrita para ilustrar as várias espécies ou graus do intelecto: Potência material (como a criança que não sabe escrever mas que pode aprender); Potência fácil ou possível (como a criança que sabe apenas as primeiras letras) e Potência completa ou perfeita (como o escriba senhor da arte de escrever no momento em que NÃO escreve). Para Agamben, Bartleby torna-se então o paradigma da potência, pois “o escriba que não escreve é a potência perfeita, que só um nada separa agora do ato da criação” (AGAMBEN, 2007, p. 16).

Retomando Aristóteles, Agamben esclarece que para o autor grego a dificuldade em estabelecer os limites do pensamento em potência pode ser superada compreendendo-se que, se o pensamento não pensa (potência de não pensar), perde então sua dignidade ou nobreza, mas no caso de pensar em ato, fica subordinado àquilo que pensa. E que coisa pensa? Pensa o Bem assim como o Vil? A solução de Aristóteles é que o pensamento pensa a si mesmo, num ponto médio entre potência e ato

Agamben estende então sua constelação filosófica para doutrinas que, fora do Islã, tentaram conciliar a filosofia grega com o cristianismo - Alberto Magno (1193-1280), filósofo e teólogo alemão; Eriúgena, filósofo e teórico irlandês - e com o judaísmo - Maimônides (1135-1204), filósofo, religioso e médico judeu. O que Agamben propõe então como reflexão é o fato de que as três maiores religiões monoteístas apóiam-se na concepção da criação do mundo a partir do nada, ou seja, “a recusa da ideia de que alguma coisa (um ser em potência) possa preexistir a Deus” (AGAMBEN, 2007, p. 22). Assim, a criação do mundo difere do trabalho do artífice, pois este faz a partir da matéria e aquela opera a partir do nada. Para os Cabalistas e Místicos esse nada, de onde provem a criação, é Deus ele mesmo.

É em Escoto Eriúgena que Agamben encontra a outra imagem que guiará seu pensamento, a do abismo. Para Escoto o abismo refere-se às “ideias ou causas primordiais de todos os seres que são eternamente gerados na mente de Deus; e é só descendo nestas trevas e neste abismo que a Divindade cria o mundo e, ao mesmo tempo, a si mesma” (AGAMBEN, 2007, p. 23).

Agamben deixa claro que o “problema que está aqui em questão é, na verdade, o da existência em Deus de uma possibilidade ou potência”. Dado que, segundo Aristóteles, cada

potência é também potência de não, os teólogos, ainda que “afirmando a onipotência divina, eram, ao mesmo tempo, obrigados a negar a Deus qualquer potência de ser e de querer.” (AGAMBEN, 2007, p. 23)

A imagem do abismo ressurge em David de Dinant (1160-1217) na sua proposição de que matéria, intelecto e Deus são uma coisa só, um abismo indiferenciado que é “o nada de onde o mundo procede e sobre o qual eternamente se apóia”. No filósofo e místico luterano alemão Bohme (1575-1624), Agamben encontra mais uma vez o abismo: aqui o “abismo é, em Deus, a própria vida das trevas, a raiz divina do inferno, no qual o nada eternamente se gera.” Para Agamben, “o mais difícil é sermos capazes de anular este nada para fazer ser, do nada, alguma coisa” (2007, p. 24), isto é, fazer experiência da nossa própria impotência e sermos assim capazes de criar, de tornarmos nos poetas.

Como afirma Agamben,

é a esta constelação filosófica que Bartleby, o escrivão, pertence. Como escriba que cessou de escrever, ele é a figura extrema do nada de onde procede toda a criação e, ao mesmo tempo, a mais implacável reivindicação deste nada como pura, absoluta potência. (AGAMBEN, 2007, p. 25)

Após unir as duas imagens propostas anteriormente na figura de Bartleby, a próxima preocupação de Agamben é investigar a fórmula exaustivamente utilizada pelo escrivão “*I would prefer not to*”. O autor discute então as categorias de potência, vontade e necessidade e afirma que “a nossa tradição ética procurou várias vezes dar a volta ao problema da potência reduzindo-o aos termos da vontade e da necessidade” (AGAMBEN, 2007, p. 25), mas que tais categorias não têm efeito sobre Bartleby (porque ele é pura potência). Por isso Bartleby renuncia ao verbo querer eliminando de sua fala todo o vestígio da vontade. A fórmula “Preferirei não” é, para Agamben, a fórmula da potência, pois estabelece a impossibilidade de construir uma relação entre potência e querer, “não é que ele não *queira* copiar ou que *queira* não deixar o escritório - somente *preferiria* não fazê-lo” (p. 26). Bartleby pode sem querer, sem que com isso a potência torne-se sem efeito, pelo contrário, é uma potência “que excede por todos os lados a vontade” e “crer que a vontade tenha poder sobre a potência é precisamente a perpétua ilusão da moral” (p. 26).

Em Gilles Deleuze, Agamben encontra uma leitura de Bartleby que analisa o caráter da fórmula “*I would prefer not to*” aproximando-o àquelas expressões que os linguistas definem como agramaticais e que têm o poder devastador de desunir “as palavras e as coisas, as palavras e as ações, mas também os atos lingüísticos e as palavras: ela corta a linguagem de qualquer referência, segundo a vocação absoluta de Bartleby, ser um homem sem referência” (AGAMBEN, 2007, p. 27). Em Jaworski, Agamben encontra a constatação de que a fórmula não é nem afirmativa nem

negativa, como sugere Deleuze, ela “abre uma zona de indiscernibilidade entre o sim e o não, o preferível e o não preferido”, na perspectiva de Agamben, entre a potência de ser e a potência de não ser. Assim, o *to* em “*I would prefer not to*” tem um caráter anafórico (não reenvia diretamente a um segmento de realidade mas a um termo precedente) e, na fórmula, é como se o termo “se absolutizasse, até perder toda a referência, dirigindo-se, por assim dizer, à própria frase”: *I would prefer not to prefer not to prefer...*

A investigação de Agamben volta-se, então, para a busca da origem da fórmula. É em Diógenes Laércio que o autor encontra a fórmula *ou mállon*, o “não mais” (também traduzido como “mais que” ou “isto de preferência a isto”), o “equilíbrio entre o afirmar e o negar, a aceitação e a recusa, o por e o tirar”. Para Sexto Empírico, “a fórmula não mais diz que ela mesma é não mais do que não é” (AGABEN, 2007, p. 28). Ainda para Sexto, a fórmula pode prosseguir numa outra direção, a do mensageiro (*àngelos*), aquele “que leva simplesmente uma mensagem sem acrescentar nada”. Neste ponto apresenta-se a diferença entre o registro de uma proposição (predica algo de alguma coisa) e o anúncio (não predica nada de nada), no anúncio a “linguagem faz-se anjo do fenômeno, puro anúncio de sua paixão” (p. 28). Sob essa luz, a fórmula de Bartleby “inscreve aquele que a pronuncia na estirpe dos *àngeloi*, dos mensageiros” (p. 29).

Agamben dedica-se, então, a compreender que coisa anuncia a fórmula. Ainda citando Sexto, o autor afirma que os cépticos entendiam por potência-possibilidade (*dýnamis*) “uma qualquer contraposição dos sensíveis e dos inteligíveis”, um estar suspenso, ou seja, “uma condição em que não podemos nem pôr nem negar, nem aceitar nem recusar”. Este estado de suspensão não é uma simples indiferença, mas a experiência de uma possibilidade ou de uma potência: “Aquilo que se mostra no limiar entre ser e não ser, entre sensível e inteligível, entre palavra e coisa, não é o abismo incolor do nada, mas o raio luminoso do possível” (AGABEN, 2007, p. 30).

Em Leibniz, Agamben busca compreender de que modo aquilo que-é-não-mais-que-não-é conserva ainda em si alguma coisa como uma potência. Invertendo o conceito de “princípio de razão suficiente” de Leibniz, no qual há uma razão para que algo exista mais que não exista, a fórmula de Bartleby torna a por em questão este “mais forte de todos os princípios”, emancipando “a potência tanto da sua conexão a uma *ratio* como da sua subordinação ao ser” (p. 30), é uma potência que se purificou de toda a razão.

Entre o ser e o não ser de Hamlet, Agamben afirma que Bartleby propõe um terceiro termo, que transcende a ambos: “o mais que ou o não mais que”. Quando o príncipe da Dinamarca opta pelo ser, atem-se somente à sua necessária positividade, o que é difícil. Mas se opta pelo não-ser, escolhe prender-se ao nada, o que é certamente difícil. A fórmula do escrivão permite “ser capaz, numa pura potência, de suportar o ‘não mais [que]’, para lá do ser e do nada, demorar-se até ao fim

na impotente possibilidade que excede a ambos - esta é a prova de Bartleby” (AGAMBEN, 2007, p. 32). O espaço de Bartleby é o do laboratório no qual a potência desliga-se “do princípio da razão, se emancipa tanto do ser como do não-ser e cria a sua própria ontologia” (p.32).

A ideia de um laboratório leva Agamben a comparar o experimento literário ao experimento científico, pois em ambos os casos preparam-se experimentos, ainda que de naturezas distintas. No caso da ciência, os experimentos concernem à verdade ou à falsidade de uma hipótese, mas nos experimentos literários a preocupação está em observar “em que condições alguma coisa poderá verificar-se e não verificar-se, ser verdadeiro não mais do que não ser” (AGAMBEN, 2007, p. 34). A esses experimentos, Agamben chama de “sem verdade”, pois não dizem respeito ao ser em ato, mas ao ser em potência. E a potência é, por definição, subtraída às condições de verdade e ao princípio de contradição. Eis a razão pela qual “ninguém sequer sonha a verificar a fórmula do escrivão” (p.35).

Agamben recorre então ao conceito filosófico de contingente: um ser que poder ser e, simultaneamente, não ser. Citando Leibniz, o contingente coincide com o espaço da liberdade humana. As dificuldades impostas por esse conceito dizem respeito principalmente a dois princípios: o da irrevogabilidade do passado, isto é, a impossibilidade de decidir sobre aquilo que aconteceu, pois não existe nenhuma potência do ter sido, somente do ser e do a ser. O segundo princípio destacado é o da necessidade condicionada, que limita a força do ser em ato. Para Aristóteles, “é necessário que o que é, enquanto é, seja, e o que não é, enquanto não é, não seja”. Refutando que sua fórmula funde-se sobre o princípio de contradição, Aristóteles afirma que “toda potência é, no mesmo momento (*háma*), potência do contrário”. Como esclarece Escoto, “nada impede que algo seja em acto e conserve, todavia, ao mesmo tempo, a *potência* de não ser ou de ser de outro modo” (AGAMBEN, 2007, p. 36). Como contingente o autor compreende “não alguma coisa que não é necessária nem eterna, mas alguma coisa cujo oposto poderia ter acontecido no exato momento em que ela advém” (p. 37). Escoto estende o caráter contingente de cada querer também à vontade divina e ao ato de criação.

Uma terceira aporia ameaça ainda a contingência: o problema dos “futuros contingentes”, segundo o qual o necessário “verificar-se ou não verificar-se de um evento futuro retroage sobre o momento da sua previsão, cancelando-lhe a contingência” (AGAMBEN, 2007, p. 38). Nesse caso as categorias de necessidade e impossibilidade inserem-se na contingência, mas a solução proposta por Aristóteles funda-se na fórmula: “amanhã dar-se-á ou não se dará uma batalha naval”. A necessidade aqui não diz respeito ao verificar-se ou ao não verificar-se do evento entendidos disjuntamente, mas sim à alternativa “se-verificará-e-não-se-verificará” no seu conjunto: “cada um dos dois membros da alternativa é restituído à contingência, à sua possibilidade de ser e de não ser”

(p. 39). A investigação sobre o contingente leva Agamben a uma “nadificação da potência de não ser”, visto que a passagem da contingência ao ato só pode ocorrer “no ponto em que depõe toda a sua potência de não ser, isto é, quando nele “nada existirá de potente não ser” e ele poderá, por isto, não não-poder” (AGAMBEN, 2007, p. 39).

A terceira imagem proposta por Agamben é a da Pirâmide dos mundos possíveis ou Palácio dos Destinos retirada da *Teodicéia* de Leibniz. Neste palácio dividido em infinitas salas, os possíveis estão contidos desde sempre e cada uma das pequenas salas representa um destino possível, ao qual corresponde um mundo possível, mas que não se realizou. O topo da pirâmide contém a sala mais esplêndida, aquela que representa o melhor destino possível, o mundo que supera em perfeição todos os outros, o verdadeiro mundo atual, “aquele que é maximamente possível, porque contém o maior número de eventos entre si compostíveis” (AGAMBEN, 2007, p. 41). A construção, porém, não tem base, desce indefinidamente, alarga-se ao infinito.

Unindo a imagem da Pirâmide dos Destinos à passagem de Melville sobre as “pirâmides eternas do Egito” e à ideia de experimento discutida anteriormente, Agamben afirma que é na arquitetura egípcia deste palácio dos destinos que

Bartleby prepara o seu experimento. Ele toma à letra a tese aristotélica, segundo a qual a tautologia ‘se-verificará-ou-não-se-verificará’ é necessariamente verdadeira no seu todo, para além do realizar-se de uma ou outra possibilidade. O seu experimento diz respeito precisamente ao lugar desta verdade, tem em vista exclusivamente a verificação de uma potência enquanto tal, isto é, de alguma coisa que pode ser e, ao mesmo tempo, não ser. Mas um tal experimento é possível só pondo em questão o princípio de irrevogabilidade do passado, ou, antes, contestando a não realizabilidade da potência no passado. (AGAMBEN, 2007, p. 42)

A fórmula retroage sobre o passado não para torná-lo necessário, mas para restituí-lo à sua potência de não ser. Neste ponto, Agamben recorre a Walter Benjamin e seu conceito de recordação, algo que “não é nem o acontecido nem o não acontecido, mas o potenciamento destes, os seus re-tornarem-se possíveis” (AGAMBEN, 2007, p.43). Sob esta luz, “o ‘preferirei não’ é a *restitutio integrum* da possibilidade que a mantém em equilíbrio entre o acontecer e o não acontecer, entre o poder ser e o poder não ser. Ele é a recordação do que não aconteceu” (p. 43).

Outro conceito de Benjamin recolhido por Agamben é o de cópia, associado ao eterno retorno proposto por Nietzsche. Para Agamben,

a infinita repetição daquilo que aconteceu abandona totalmente a potência de não ser. No seu obstinado copiar, como no contingente de Aristóteles, ‘nada existe de potente não ser’. A vontade de potência é, na verdade, vontade de vontade, acto eternamente repetido, e só deste modo potenciado. Por isso o escrivão deve deixar de copiar. (AGAMBEN, 2007, p. 45)

Ao renunciar à copia, Bartleby renuncia ao abandono da potência de não ser, ou seja, deixar de copiar é restituir a potência de não ser.

Recuperando o trecho final do conto de Melville, Agamben traz a personagem do advogado e sua tentativa de interpretação do enigma de Bartleby. Para Agamben a indicação do *Serviço de Refugos Postais* (Repartição de Cartas Mortas) como ponto de origem é correta, porém a interpretação dada pelo homem de leis é apenas trivial. Agamben encontra nas “cartas nunca entregues as cifras dos eventos afortunados que poderiam ter acontecido, mas não se realizaram” (AGAMBEN, 2007, p. 46). As cartas, mensageiros (*ángeles*) de vida, correm para a morte e anunciam justamente a possibilidade contrária àquilo que se realizou. Como ato de escrita, a carta “grafa, sobre a tabuinha do escriba celeste, a passagem da potência ao acto, o verificar-se de um contingente. Mas, mesmo por isso, cada carta grafa também o não verificar-se de alguma coisa”, é carta viva e carta morta.

Aproximando a fórmula “mensageiros de vida, estas cartas correm para a morte” da passagem bíblica “Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri. E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte”, Agamben propõe que a Lei ou a Escritura refere-se à primeira criação, “na qual Deus criou o mundo a partir da sua potência de ser, mantendo-a separada da sua potência de não ser”, assim cada palavra da Lei é dirigida tanto para a vida quanto para a morte, significa tanto o que foi como o que não pode ser. Mas Bartleby é a interrupção da escrita, movimento que “marca a passagem à criação segunda na qual Deus reclama para si a sua potência de não ser e cria a partir do ponto de indiferença de potência e impotência” (AGAMBEN, 2007, p. 47). A esse processo, Agamben chama decriação. Tanto o que foi como o que não aconteceu são “restituídos à sua unidade originária na mente de Deus e o que podia não ser e aconteceu esfuma-se no que podia ser e não aconteceu”. A decriação acontece no ponto onde Bartleby jaz, no “coração das pirâmides eternas”, no centro da Pirâmide dos Destinos.

Ana Paula Rodrigues da Silva  
Mestre (PUCSP)

## Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Bartleby, escrita da potência**. Editora Assírio & Alvim: Lisboa, 2007.

\_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

MAIO, Sandro. **A voz em negativo: ter infância, experiência, Agamben**. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 6, abril de 2011

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrivão**. Uma história de Wall Street. São Paulo: Cosac & Naif, 2005.

**Nota editorial:** Esta resenha foi publicada originalmente na edição nº. 7 da *Revista FronteiraZ*.